

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1903

NUMERO 7



A IMPOSIÇÃO DO TOSÃO D'OURO AO SR. CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO, POR S. M. CATHOLICA, A BORDO DO COURAÇADO «CARLOS V», DA MARINHA HESPAÑOLA, EM 12 DE DEZEMBRO

CHRONICA

Natal

O Natal é a data que mais se impõe em todo o orbe; é elle, esse dia do nascimento do apóstolo, o período breve em que como uma sentimentalidade nasce em todas as almas. Apaga-se talvez a poesia d'uma religião, d'um culto, em que ha ritual, bispos com vestes d'ouro e que tem uma historia por vezes terrivel, mas fica sempre n'um atavismo o culto do nascimento do revoltado que buscava ingenuamente amar ao passar os dedos nos cabelos da loura Magdalena, n'uma caricia em que havia ternura e piedade, enquanto nos olhos d'ella, n'esses olhos beijados pela cohorte rica e philistina da Gallilea, relampagueava talvez ainda o desejo, a ancia de se entregar ao pallido nazareno. E d'essa historia d'um amor platónico á sombra das oliveiras do horto, fez-se uma lenda, e do amor da corteza fez-se um milagre e d'ella uma santa.

Mas esse rabbi, de olhos negros e de falas mansas, subindo ao calvario n'uma tarde do mez triste, fundando no seu estoicismo, sem saber e sem querer, uma religião, ficou para o mundo divinizado. Atravez dos tempos, os povos sentaram-se á meza no dia do nascimento do revoltado e esses povos, tambem sem querer e tambem sem saber, começaram a ligar-se entre si n'uma evolução lenta e que dura uma noite. Reunem-se as familias, reúnem-se e formam a paz d'uma nação. Reunem-se por todo o mundo e na noite do nascimento do Christo, quando os gallos cantam e os sinos tocam, ha como o deleite da paz universal nos lares.

E' uma noite estranha de ternura e de calada, uma noite de entorpecimento em que mais se ama e mais se unem os homens. O Natal chega e as cidades fecham as portas, as casas aferrolham-se, tiram-se as melhores louças dos armarios e o melhor bragal das arcas, lá dentro dos lares vive o aconchego.

E nas ruas . . . nas ruas . . .
A's vezes, n'uma restea de luar que acaricia a lama, vêem-se perfis tão tristes, vêem-se dramas fugidios, vêem-se fragicos desesperos.

Mas ninguém para. Todos caminham em busca do conforto. Desgraçados d'aquelles que não toem familia, desgraçados d'esses, que são os unicos a destoar no concerto da paz que essa noite parece marcar.

Já andam bandadas de perus pelas ruas, sob a chuva e sobre a lama, já rosoam os pregões dos maltezes nos eocos da cidade. O conselheiro, ali defronte, começa a receber presentes e o carteiro começa a pedir as bróas. E' o Natal que chega, é a solemnização do nascimento do grande rabbi que viu a luz na Judea.

Agora, Herodes que é prestor e que é banqueiro, senta-se á meza, estendo as pernas, agoita a tunica, olha os netos e esquece os negocios; esfrega as mãos e diante do peru louro, exclama:

—Vamos lá a isto!

E a par de Herodes, todos os outros, toda a turba coia em homenagem a um Christo que foi bom e que um dia divinizaráram.

Outros homens, menos bellos mas mais pallidos que o rabbi, pallidos de fome e de desespero, entram nas igrejas por essa meia noite symbolica e ficam-se n'um recanto.

Vão alem aquecer-se n'essas luzes e na atmosfera tepida. Nem ouvem o sacerdote, nem ouvem a missa da noite. Sonham e tremem, cerram os olhos e quasi toem um goso n'essa meia hora em que a religião se expande no interior do templo.

São os ultimos a sahir. Toem sempre como a esperança de se conservar além, n'esse conforto e n'essa luz; mas é forçoso sahir: veem então como expulsos a verem cerrar-se implacavel e segura a porta da igreja.

Então é tiritar, é atravessar as ruas, sentindo no alto dos andares a alegria e a ternura a crescer diante das victualhas.

O Natal va chegar. Alguns pobres terão que comer, esses são os da via publica, os que estendem a mão; outros terão só o desespero e o abandono, são os ignorados, os em demasia altivos, os em demasia orgulhosos, são aquelles de que se faziam Christos.

Oh! o Natal, o que elle tem em si: a par d'uma religião a revolta, a par da paz a ancia d'uma rebellião em certas almas, a par dos confortos as desgraças e uma noite chuvosa, fria, negra, em que, do copo na mão, um Herodes, d'olho pisco, clama:

—Vá lá pela gloria do Redemptor!

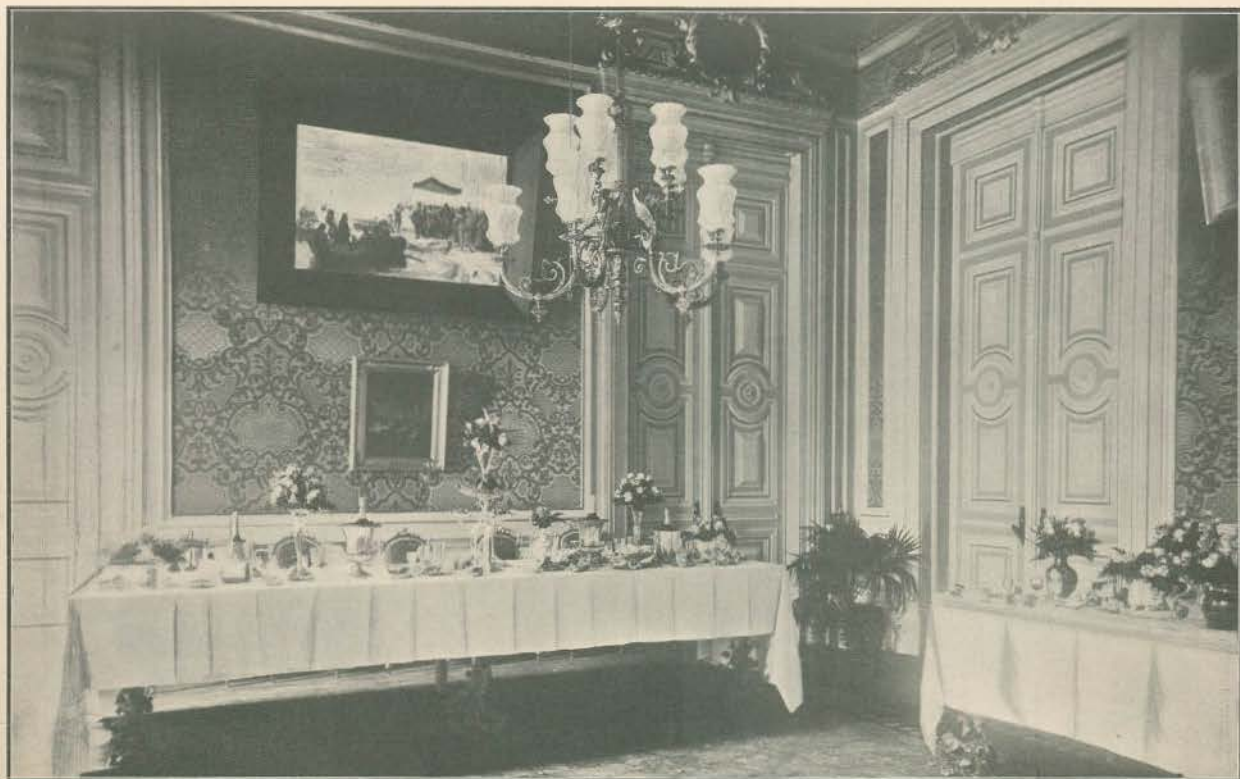
ROCHIA MARTINS.



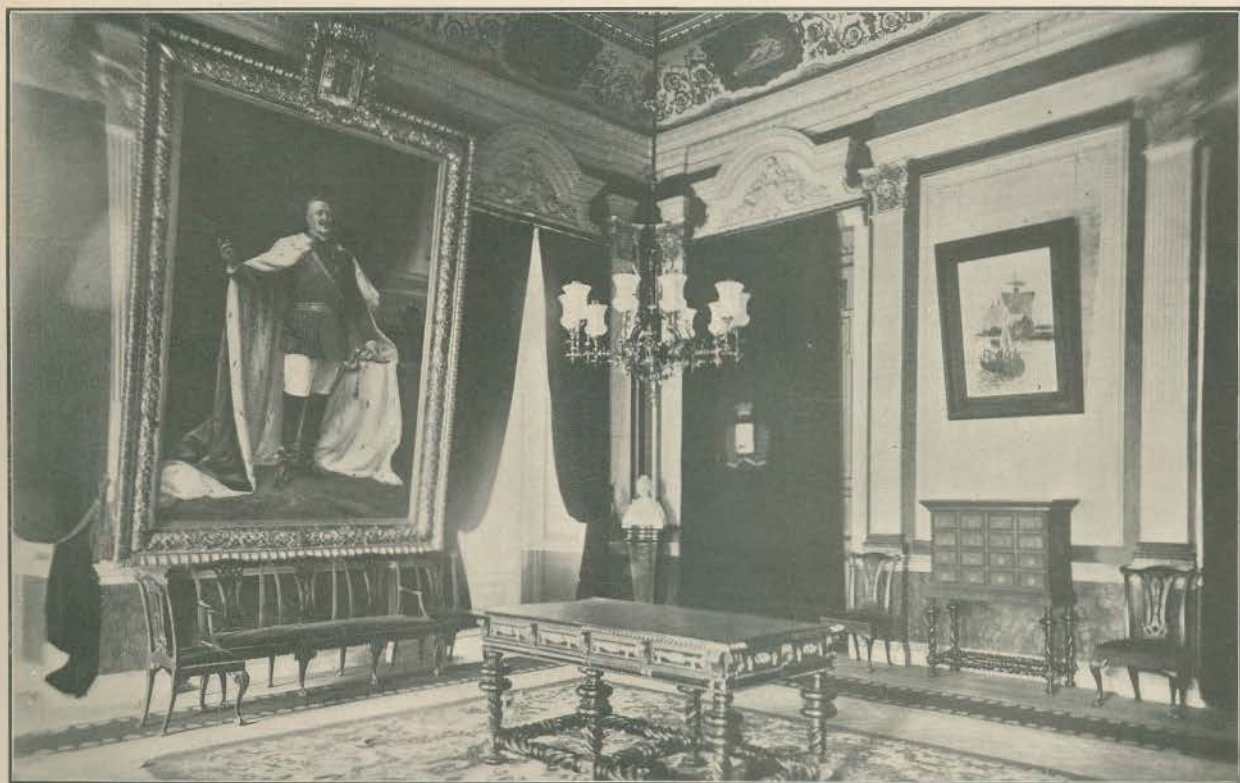
A ESCADA DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA



A VISITA DE S. M. CATHOLICA—A CHEGADA DO CORTEJO Á CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA EM 12 DE DEZEMBRO, Á VOLTA DA VISITA A BORDO DO COURAÇADO HESPAÑHOL «CARLOS V»



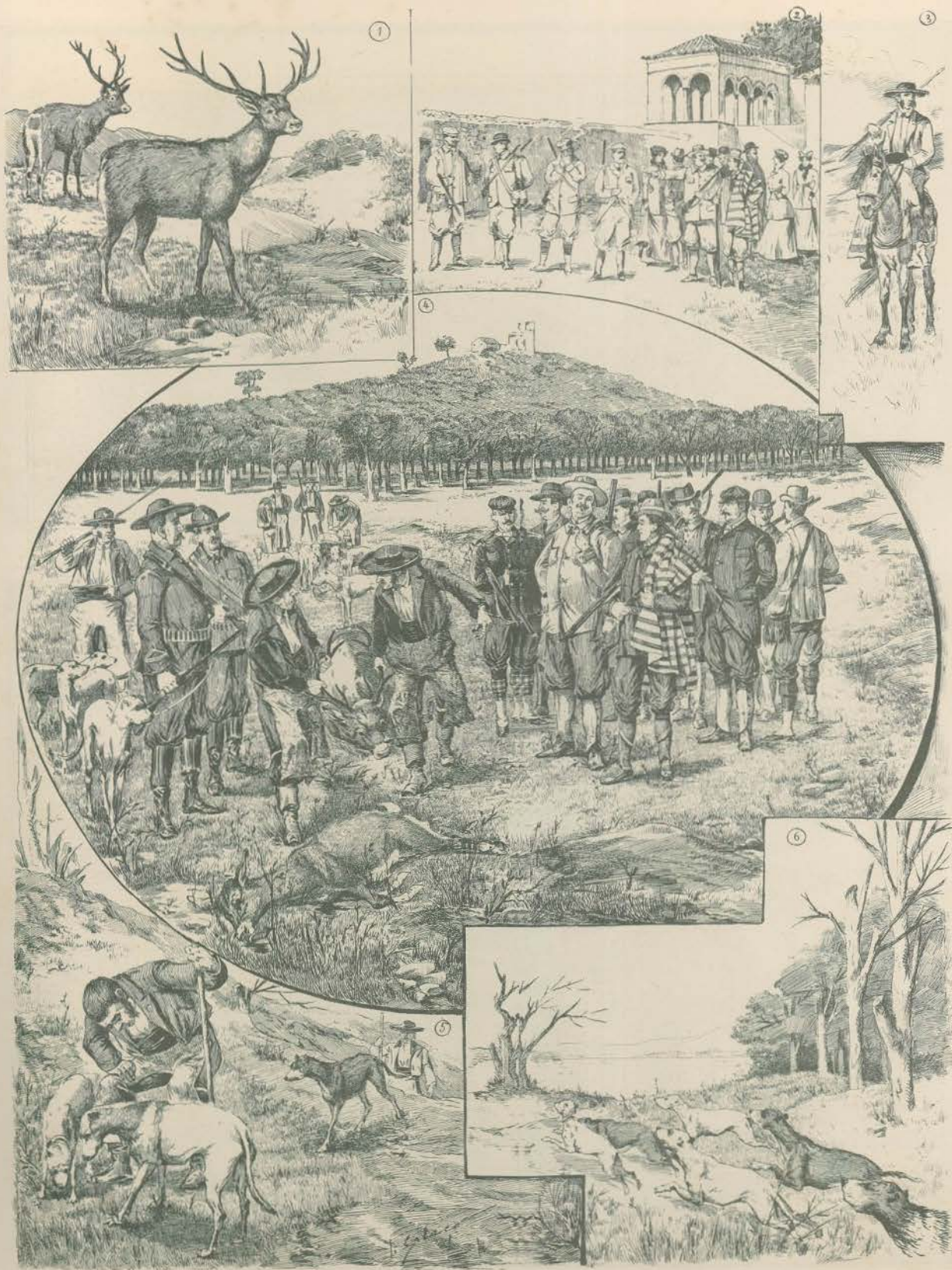
CAMARÁ MUNICIPAL.—A SALA ONDE A MUNICIPALIDADE DE LISBOA OFFERECERU O COPO DE AGUA A S. M.^{CA}TROLICA



CAMARA MUNICIPAL—O GABINETE DO PRESIDENTE



COSTUMES LISBOETAS—A PEIXEIRA



A CAÇADA REAL EM VILLA VIÇOSA A 16 DE DEZEMBRO EM HOMENAGEM AO REI DE HESPAÑHA
1.º PRESENTINDO O PERIGO.—2.º RENDEZ-VOUS NO PAÇO VELHO.—3.º O CHEFE DA DE BATEDORES.—4.º SS. MM. COM O SEQUITO DEPOIS DA BATIDA.—
5.º EXAMINANDO UMA PISTA.—6.º OS CÃES NO BASTO.



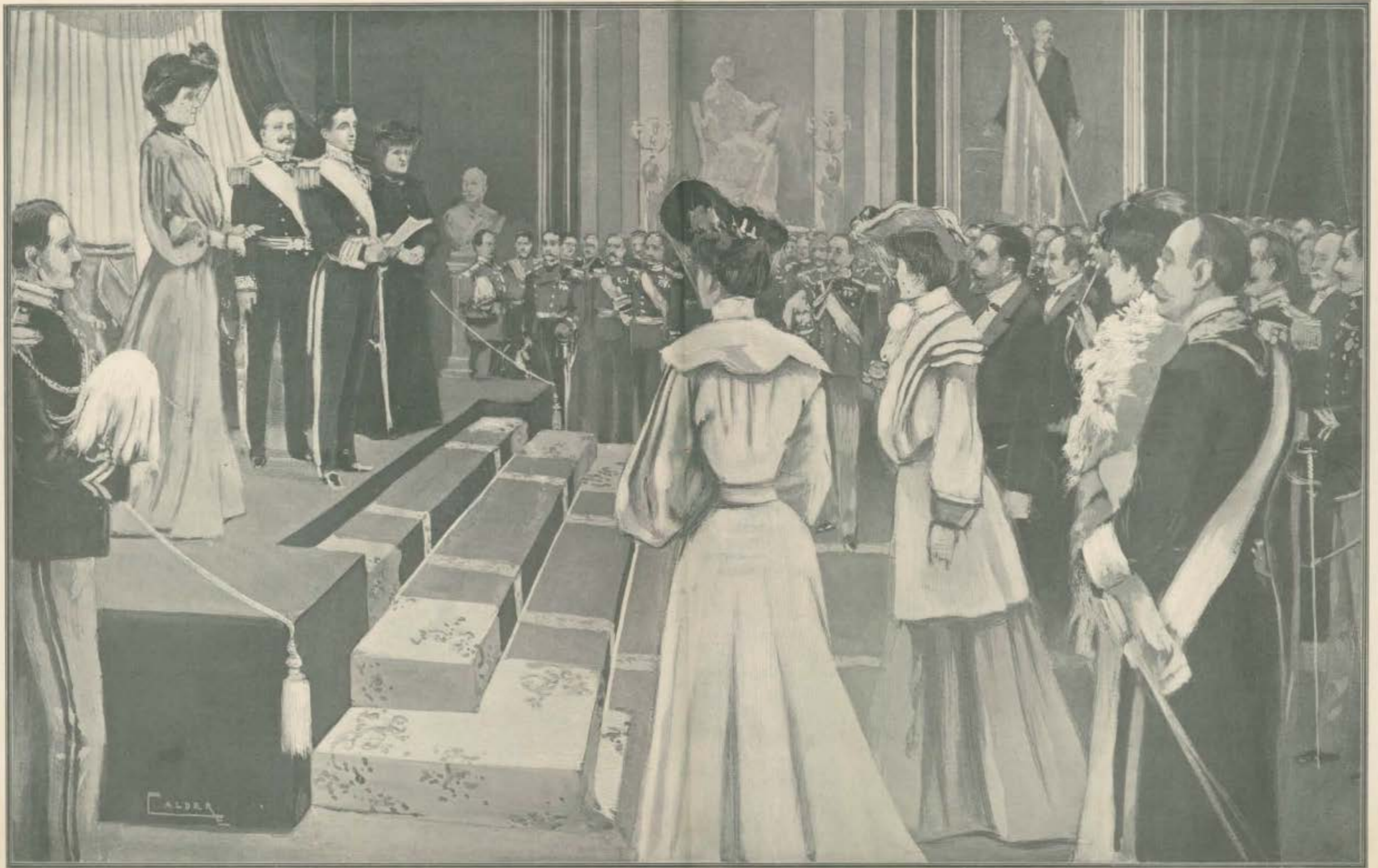
A GALEOTA REAL ATRACANDO AO CAES DAS COLUMNAS NA PARTIDA DE S. M. CATHOLICA EM 14 DE DEZEMBRO



A VISITA DE S. M. CATHOLICA — A MUNICIPALIDADE RECEBENDO OS MONARCHAS À ENTRADA DO EDIFÍCIO



A VISITA DO REI DE ESPANHA AO MUSEU D'ARTILHARIA EM 11 DE DEZEMBRO—O SR. GENERAL CASTELLO BRANCO, DIRECTOR DO MUSEU, APRESENTANDO A S. M. CATOLICA A VITRINE DAS BANDEIRAS TOMADAS NA BATALHA DA VICTORIA



A RECEPÇÃO DE S. M. CATHOLICA NA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA EM 12 DE DEZEMBRO—A RESPOSTA AO DISCURSO DO PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA



O FOGO D'ARTIFÍCIO NA NOITE DE 13 DE DEZEMBRO, NA AVENIDA DA LIBERDADE, EM HOMENAGEM A SUA MAJESTADE EL-REI D. AFFONSO XIII DE HESPAÑHA



DON JOSÉ D'ALCORT
O general ajudante de S. M. el-roi Affonso XIII



DON JOSÉ GRINDA
Medico da real camara de S. M. Catholica



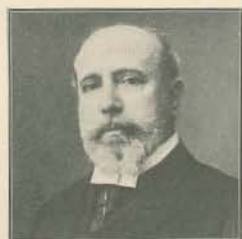
DON JOSÉ SANCHEZ GUERRA
Ministro da governação de Hespanha



DON JOAQUIM SANCHEZ DE TOCA
Ministro da Justica de Hespanha



QUEIROZ VELLOSO
Um dos encarregados dos festejos em homenagem a S. M. Catholica



DON FRANCISCO DE LOS SANTOS GUZMAN
Novo ministro da marinha de Hespanha



DON BALTAZAR LORADA TORRES
Conde de S. Roman, primeiro ministro de S. M. Catholica



DON EDUARDO VINCENTI
Presidente do Circulo Gallego



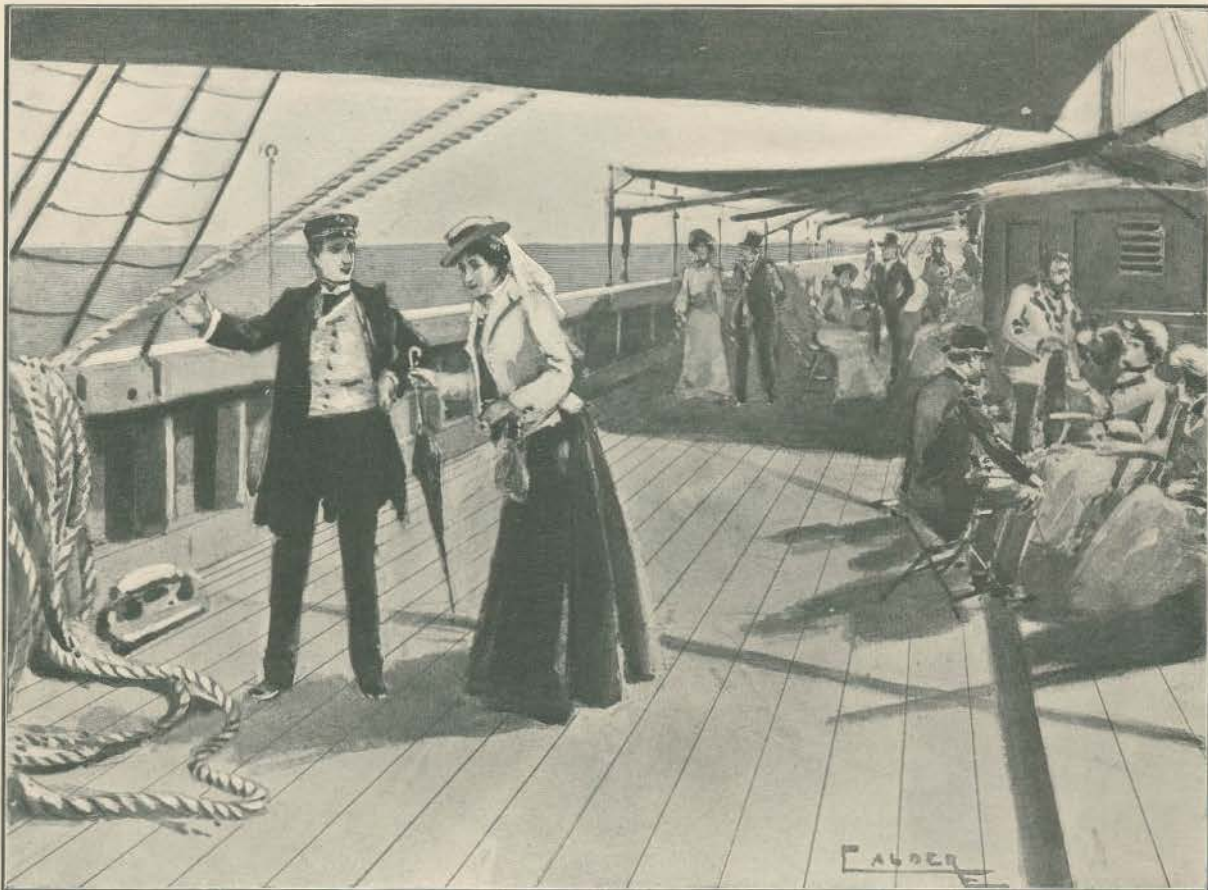
O GABINETE DE S. M. CATHOLICA NO REAL PAÇO DE BELEM



O EMBARQUE DE SS. MM. POR OCCASIÃO DA PARTIDA DO REI DE HESPÂNHA—A SAUDAÇÃO AO SAVIO REAL



A MISSA NO TEMPLO DOS JERONIMOS A QUAL ASSISTIU S. M. CATHOLICA D. AFRONSO XIII—OS SOBERANOS NO ALTAR-MOR



OS NOVOS PEREGRINOS

POB MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Sebastopol é provavelmente a cidade mais desmantelada pela metralha que ha na Russia ou em qualquer outra parte. Mas devemos estar satisfeitos com ella, porque em nenhuma outra parte fomos tão bem recebidos como lá. No momento em que lançámos ferro, o governador da cidade mandou a bordo um official para nos oferecer os seus serviços, e convidar-nos a estar em Sebastopol como se fosse na nossa patria! Se porventura conhecêsse a Russia, concordaríamos em que esse foi um extranho rasgo de hospitalidade. São os russos de ordinario tão desconfiados dos estrangeiros, que os recebem excessivamente com as delongas e vexames inherentes a um complicado systema de passaportes. Se a nossa procedencia fosse de qualquer outra nação, não teríamos obtido licença para entrar em Sebastopol e sahir passaportes tres dias—mas, como as cousas correram, o certo é que tivemos liberdade para ir e vir onde e quando fosse do nosso agrado. Toda a gente em Constantinopla nos preveniu de ter cautela com os passaportes, de ver se estavam rigorosamente *en règle*, e de nunca os perder da vista: e citaram-nos numerosos exemplos de inglezes e outras pessoas, que foram detidas dias, semanas e até mezes em Sebastopol, por causa de insignificantes faltas de formalidades nos seus passaportes, das quaes não tinham culpa. Perderam o meu passaporte, e viajava com o do meu companheiro de camarote, que tinha ficado em Constantinopla, esperando pelo nosso regresso. Quem fosse a descripção d'elle no tal passaporte, e depois encarassem em mim, veria que eu me parecia tanto com elle como com Hercules. De maneira que entrei assustado e a tremor no porto de Sebastopol—cheio da apprehensão vaga e horrivel de que seria descoberto e enforcado. Porém, durante todo esse tempo o meu verdadeiro passaporte fluctuava galhardamente proximo de nós—ora só a nossa bandeira. Nunca nos pediram outro.

Vieram hoje a bordo muitas damas e cavalheiros russos e inglezes, e passou-se o tempo alegremente. Era tudo gente de feliz disposição, e nunca a nossa lingua não

me souo tão agradavelmente como quando sahii d'esses labios inglezes n'estas remotas paragens. Palei com os russos durante muito tempo, e sufficiente para ficarmos amigos, e elles tambem me falaram no mesmo tom; estou certo que de parte a parte foi aprazivel a conversação, embora nenhum de nós percebesse uma palavra do que o outro dizia. Por isso dirigii a maior parte das minhas falas ás pessoas inglezas, e tenho pena de não podermos levar algumas d'estas em nossa companhia.

Fomos hoje onde nos aprouvei, e só encontramos as mais delicadas attentões. Ninguém perguntou se tínhamos ou não passaportes.

Muitos funcionarios do Estado nos suggeriram a idéa de levar o navio a uma pequena estação de aguas, distante d'aqui trinta milhas, onde está veraneando o imperador da Russia, para lhe fazermos uma visita. Disseram os mesmos funcionarios que tomavam sobre si a responsabilidade de termos uma recepção cortezal. Disseram-nos mais que, se fossemos, não só mandaríamos um telegramma ao imperador, mas ainda um correio especial para lhe annunciar a nossa chegada. E' tão pouco o tempo de que dispomos, e especialmente o nosso carvão está tão proximo de se acabar, que julgamos mais acertado renunciar ao raro prazer de ter trato social com um imperador.

A arruinada Pompeia está em bom estado, comparada com Sebastopol. Aqui, para onde quer que lanceis os olhos, raramente encontrareis qualquer cousa que não sejam ruinas, ruinas, ruinas!—fragmentos de casas, muros cahidos, montes escavados e amolgados, devastação por toda a parte. Diries que um grande tremor de terra descarregou a sua forca sobre este pequeno lugar. Durante dozeite compridos mezos as tempestades da guerra cahiram sobre a malfadada cidade, e a deixaram por fim no mais triste escalvado que jámais o sol viu. Nem uma casa solitaria ficou—nem uma permaneceu sequer habitavel. Mal se poderá imaginar tão grande e completa ruina. Todas as casas foram solidamente edifi-

caadas de cantaria; a maior parte d'ellas foram varadas pelas balas de canhão—destelhadas e cortadas em fatias desde as goteiras até aos alicerces—e agora uma correnteza d'ellas, de meia milha de extensão, parece simplesmente uma interminavel procição de chamins deterioradas. Nenhuma se parece com uma casa. Alguns dos maiores edificios tem as esquinas derribadas; as columnas cortadas em duas partes; as cornijas quebradas; buracos em direitura através das paredes. Muitos d'elles são tão redondos e tão perfectos como se os tivessem feito por arte magica. Outros não passaram do meio, e o signal lá está na pedra, tão macio e bem formado como se fosse aberto em betume. Aqui e ali, ainda uma bala se vê cravada n'uma parede, e d'ella manam lagrimas de ferro, que destingem a cor da pedra.

Os campos de batalha ficam todos ali proximo. A torre de Malakoff está mesmo ás abas da cidade. O Redan ficava ao alcance de um tiro de espingarda da torre de Malakoff; Inkerman a uma milha do distancia e Balaclava apenas afastada uma hora de caminho a cavallo.

As trincheiras dos francezes, por meio das quaes se aproximaram da torre e a investiram, tanto se aproximaram por baixo dos seus lados obliquos que qualquer dos sitiados podia estar junto das peças russas e atirar uma pedra para dentro d'ellas. Repetidas vezes, durante tres dias terribes, elles subiram em turbilhão a pequena elevação de Malakoff, e foram rebaçados com horrivel mortandade. Finalmente, tomaram a torre e repelliram os russos, que tentaram então retirar-se para a cidade, mas os inglezes haviam tomado o Redan, e expulsaram-nos formando uma muralha de fogo; já não havia para elles outro recurso senão recuar e retomar Malakoff, ou morrer debaixo das suas peças. Recuraram, com effeito; tomaram Malakoff e retomaram-na duas ou tres vezes, mas o seu valor desesperado não pôde prevalecer, e tiveram de ceder por fim.

N'esses temerosos campos, onde se descendearam taes tempestades de morte, reina agora muita paz; não se

onvo sem nenhum, mal se move perto d'elles algum ser vivo, estão solitários e silenciosos—a sua asolação é completa.

Não havia mais que fazer, e por isso todos partiram à caça do relíquias com as queas abarrotaram o navio. Trouxeram-nas da torre de Malakoff, do Redan, de Inkerman, de Balaklava, de toda a parte. Trouxeram bala de canhão, fragmentos de bombas—ferro sufficiente para carregar uma chalupa. Alguns até acarretaram ossos, e com muito trabalho o fizeram de grandes distancias, passando pelo desgosto de ouvirem o cirurgião dizer que eram de mulas e de bois. Em sabia que Blücher não perderia uma occasião como esta. Trouxe um sacco cheio para bordo e dispunha-se a ir buscar outro. Pediu-lhe que não fosse. Já converteu a sua sala n'um museu de indignas bugigangas, que recolheu nas suas viagens. Agora anda pondo rotulos nos seus trophies. Ha tempos peguei n'um, que tinha este distincto: «Fragmento de um general russo.» Levei-o fóra para o observar a uma luz melhor—eram dois dentes e parte da maxilla de um cavallo. E disse-lhe com certa aspezoza:

Fragmento de um general russo! Isto é um absurdo. Nunca saberei mais?

Respondeu apenas:

—De vagar—a velha não quer ouvir outra cousa. (A sua tia)

Este sujeito colhe lembranças com perfeita indifferença hoje; mistura-as todas, e depois serenamente lhe vai pedro letreiros sem nenhum respeito à verdade, propriedade e até plausibilidade. Foi dar com elle a partir uma pedra em duas partes e a escrever n'uma d'ellas: «Pedaço da tribuna de Demosthenes» e na outra: «Do tumulo de Abelard e de Heloise.» Vi-o a juntar uma mão-choia de seixos pela beira da estrada, e trouxe-os para bordo e a pôr-lhe rotulos, como se fossem oriundos do vinte logares coloridos, distantes uns dos outros cincoenta millas. Pronuncio-me, é claro, contra estas ultrages á verdade e á verdade, mas d'ahi não se tira resultado nenhum. Oigo sempre a mesma resposta, serena e sem réplica:

—Não importa—a velha não quer ouvir outra cousa.

Desde que nós tres ou quatro d'ellos sem novidade aquelle salto a Athenas, tem mostrado sempre verdadeira satisfação em offerecer a toda a gente a bordo uma pedra do monte de Marte, onde S. Paulo pregou. Colheu todas essas pedras na praia, á vista do navio, mas sustenta que foi um de nós quem lh'as deu. Todavia, do nada me servo desmascarar esse ombuste—causa-lhe prazer, e com isso não faz mal a ninguém. Diz elle que nunca espera acabar de ter recordações de S. Paulo enquanto estiver proximo de um banco de areia. Pois bem, não é peor do que outros. Sei que todos os viajantes sempre do mesmo modo as fallas das suas colleções. E eu, enquanto viver, nunca terei a menor confiança n'estas cousas.

V

Nove mil millas ao Oriente.— Imitação da cidade americana na Russia.— Gratidão demasada tardia.—Visita ao atelier de todas as Russias.

Tomos avançado tanto para o Oriente—cont'o e cincoenta e cinco graus de longitude de S. Francisco—que o meu relógio já se não entende com o tempo. Desanimou e parou. Acho que teve muito juizo. A differença do tempo entre Sebastopol e a costa do Pacifico é enorme. Quando são aqui seis horas da manhã—são ainda sete horas e quarenta minutos da noite na California. Tomos desculpa de estar algum tanto perturbado relativamente ao tempo. Estas confusões e contradicções acerca do tempo toem-me atormentado a ponto de recuar que o meu espirito fique abalado de maneira que eu nunca mais possa fazer qualquer apreciação do tempo; mas, logo que notei a facilidade com que comprehendia quando eram horas de jantar, senti em mim uma abençoada tranquillidade e nunca mais me affligiram duvidas nem temores.

Odessa fica a distancia de vinte horas de Sebastopol, e é o porto mais septentrional do Mar Negro. Aportámos aqui, principalmente, para tomar carvão. A cidade tem cento e trinta mil almas e vai progredindo mais depressa do que qualquer outra pequena cidade da America. É porto franco, e o maior mercado de cereas que ha em todo o mundo. O seu ancoradouro está cheio de navios. Actualmente andam engenheiros a tratar de converter o ancoradouro aberto n'um amplo porto artificial. É destinado a ser fechado por columnas de pedra massica, uma das quaes entrará pelo mar dentro mais de tres mil pés em linha recta.

Nunca me senti tanto como se me achasse na minha terra como quando estive em Odessa pela primeira vez. Tinha exactamente o mesmo aspecto de uma cidade americana; bonita, ruas largas e direitas; casas baixas (dois ou tres andares) amplas, limpas e isentas de qualquer embellezamento de ornamentação architectural; acacias nos passeios lateraes; apparencia de bulicio, de movimento pelas ruas e armazens; transeuntes apressados; uma vista familiar de casas e de tudo; sim, uma impetuosa e asphyxiante nuvem do pé tão parecida com uma cousa vinda da nossa querida patria, que mui difficilmente pudemos conter as lagrimas e as imprecações á antiga moda americana. Olhar para a rua acima ou para a rua abaixo, para este ou para aquelle caminho, o mesmo era que ver a America! Não, não só cousa nos fazia lembrar de que estavamos na Russia. Andámos uma pequena distancia, regaland'o-nos com esta visão da patria, e depois fomos dar com uma igreja e um coelho de

sogro de algnol, e presto! a illusão desvaneceu-se! A igreja tinha um zimbório esguio, que se arredondava para dentro na base, e dava aros de um nabo voltado de cima para baixo, e o coelho parecia estar envolvido n'um comprido salote. Estas cousas eram essencialmente estrangeiras, e o mesmo direi das carruagens, mas todos toem noticia d'isso, e não ha motivo para eu as descrever.

Estava resolvido passar-me aqui só um dia e uma noite e metter curvão; consultámos os guias dos viajantes, e com grande alegria subimos que não havia que ver em Odessa; de maneira que tínhamos um dia de descanço, um dia livre, á nossa disposição, sem outra cousa que fazer senão vaguear pela cidade e divertirmos. Andámos pelos mercados e apreciamos os temerosos e admiráveis trajos de provincia; examinámos a população quanto o permittiam os nossos olhos; e terminámos a diversão com um doboche de sorvetes. Não se apanham sorvetes em toda a parte, e por isso, quando tal succede, ha em nós a tendencia de dissipar até o excesso. Na America nunca nos importavam os sorvetes para coisa nenhuma, mas agora, que elles são tão raras n'estes climas esbravezados do Oriente, vemos-os com idolatria.

Encontrámos apenas duas obras de estatua, e isso foi outra felicidade. Uma das estatuas é a figura em bronze do general Richelieu, segundo sobrinho do afamado cardinal. Está situada n'um espaço e bonito passeio, dominando o mar, e da sua base uma grande correnteza de dogras de pedra conduz ao porto—duzentos d'elles toem cincoenta pés de comprimento, e um largo patamar no fim de cada vinte. É uma escadaria nobre, e a gente que vai a subir por ella, vista de longe, parece insectos. Faço aqui menção d'esta estatua e d'esta escadaria por terem a sua historia. Richelieu fundou Odessa—olhou por ella com cuidado paternal—trabalhou pelos seus maiores interesses com cerebro fertil e esclarecido entendimento—dispendeu a mãos largas a sua fortuna para o mesmo fim—dotou-a com segura prosperidade,

tal que ha do fazer d'ella ainda uma das grandes cidades do velho mundo—construiu essa nobre escadaria com dinheiro do seu bolso e... — Pois bem, o povo, por quem elle tanto fez, deixou-o um dia descer esses mesmos degraus, velho, pobre, sem um casaco para vestir por cima; e quando, volvidos annos, elle morreu em Sebastopol, na pobreza e no desamparo, encontrei um meeting, subscreveram liberalmente, e logo ergueram este formoso monumento á sua memoria, e deram o nome d'ello a uma grande rua. Trae-me isto á lembrança e que disse a mãe de Roberto Burns, quando lhe originaram um monumento magestoso: «Ah! meu Roberto, pediste-lhes pão e elles deram-te uma pedra.»

O povo de Odessa recommendou-nos vivamente, como já tinha feito o de Sebastopol, que visitassemos o imperador. Telegraphou a sua magestade, que exprimiu a sua boa vontade de nos dar audiência. De maneira que estamos a levantar ferro e preparando-nos para ir á sua estação do aguas. Quo atrapalhado não vai ahí haver agora! que reuniões importantes e nomeação de solennissimas commissões!—o que limpez o arranjo de casacas, e bairrada de gravatas de seda branca! Como temos de passar por esta prova até se gravuras, na minha phantasia, em toda a sua tremenda sublimidade, começo a sentir arrefecer o passar o meu ardente desejo de conversar com um verdadeiro imperador. Como é, que hei de ter as mãos? Onde é que hei de collocar os pés? Que diabo hei de eu fazer á minha pessoa?

FOLHETIM N.º 6

(Continúa)





A SAUDAÇÃO À BANDEIRA



A ENTRADA DA GUARDA DE HONRA AO ALTAR



A PASSAGEM DO REGIMENTO DE CAVALARIA



A PASSAGEM DOS LANCEIROS

A MISSA NOS JERONYMOS EM 13 DE DEZEMBRO, NA VISITA DO REI HESPAÑHA

CHRONICA ELEGANTE

Os jantares elegantes são actualmente mais uma das muitas exhibições de entosias phantasias, mas deliciosamente atrahentes.

Sem falar dos primeiros culinarios, que, como tudo mais, estão em constante progresso, as salas de banquete apresentam um aspecto de multiplas seduccões: não entremos na descripção da sala, propriamente dita, mas lancemos olhos observadores sobre a meza.

As roupas alvas e finissimas, de setina apparecem sob a avalanche de flores, luzes, rendas, pratos, louças e crystaes. O tradicional centro de meza, muito alto, methodico e symmetricamente ornado de flores, desappareceu; as guarnições são todas baixas; além dos *caminhos* de

a toalha flores soltas. Ao centro collocam-se uma decoraçào mais volumosa, muito reunida e dividida, e n'alguns jantares adoptam-se a decoraçào *uniflora*, toda de myosotis, rosas, etc., preferindo sempre as flores pouco aromaticas; n'estes casos as *toilettes* estão em harmonia com a *suave* geral, o que produz um effeito suggestivo e encantador.

Havendo illuminaçào electrica surgem as lampadas e tulipas d'entro as flores, illuminando suavemente a meza e favorecendo, como *luz de rampa*, os rostos gentis das convivas. Isto não obsta, quando se queira, a luz da suspensào ou lustre, mas esta por si só, vindo de cima, dá ás physionomias um aspecto sombrio e carregado. Fazem-se estatuas e molinos decora-tivos em materias diversas, servindo de recipientes de frutas, doces, misturados sempre com flores. Nos *dessons* de pratos, garrafas, copos e *chemins de table* empregam-se tecidos vallozes, bordados ou pintados, e rendas de Cluny, guldure, Argentian, chegando as mezas de millonarios americanos a ostentar os mais preciosos *Points d'Angleterre*, de Veneza, de Alençon e Bruxellas.

Os *menus* são mimosas obras d'arte, pintados, aguarellados e decorados ás vezes por artistas de nome: uma phantasia graciosa e favor o *menu* muito simples e ponderar a um dos cantos, com uma fitinha, um mimosculo objecto de cozinha feito em prata; grolha, pã, cafeteira, caçarola, fogareiro, etc. As *toilettes* são sempre primorosas: traje de sarau, de costão, com joias, rendas, plumas e flores, ou então ves-

tido afogado, sómente aberto adiante, mas sempre no genero de recepçào muito *habillé*.

N'algumas casas é uso dar ás senhoras cadeiras estofadas de velludo, enjo contacto não pode de modo algum danificar os tecidos luxuosos dos vestidos.

FIG. 1. — Toilette de jantar em setim branco, *incruste* de *guipure* formando riscas verticaes e ornado dos mesmos elementos dispostos horizontalmente, tendo ao centro *bouciettes* de fita de setim branco.

FIG. 2. — Toilette de jantar e *sorte* em tulle cor de rosa com ramos



FIGURA 1

flores, que não são já a ultima palavra da elegancia, espalham-se sobre a meza dezenas de jarrinhas de todas as qualidades e feitios, que se dispõem ao acaso, contando poucas florinhas leves, e tambem se deitam sobre



FIGURA 2

um prato; grolha, pã, cafeteira, caçarola, fogareiro, etc. As *toilettes* são sempre primorosas: traje de sarau, de costão, com joias, rendas, plumas e flores, ou então ves-



FIGURA 3

do *myosotis* bordados em seda azul; *ruches* de gaze azul pallida, cinto *bretelles* em velludo azul.

FIG. 3. — *Tea-gown* em *crêpe de Chine* *ivoire* *incruste* de rendas Chantilly preto e branco; collar e *agrafe* do perolas grandes pontas cahindo aloante em *chiffon* *ivoire*.